

HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA BÍBLIA **DA IDADE MÉDIA AO PÓS-MODERNISMO**

Augustus Nicodemus Lopes

ÍNDICE ANALÍTICO

ÍNDICE ANALÍTICO.....	1
<i>História da Interpretação Cristã da Bíblia - IDADE MÉDIA Augustus Nicodemus Lopes</i>	1
Aula 4: A Idade Média.....	1
<i>História da Interpretação Cristã da Bíblia - PERÍODO DA REFORMA</i>	5
Aula 5: A Reforma.....	5
<i>História da Interpretação Cristã da Bíblia - PÓS-REFORMA</i>	9
Aula 6: Período Pós Reforma	9
<i>História da Interpretação Cristã da Bíblia - PERÍODO PÓS-MODERNO</i>	19
Aula 9: Características da Hermenêutica Pós-Moderna.....	19

História da Interpretação Cristã da Bíblia - IDADE MÉDIA **Augustus Nicodemus Lopes**

Aula 4: A Idade Média

Ao contrário do que geralmente se pensa, houve muita atividade hermenêutica durante a Idade Média. Há muita coisa a ser estudada nesse longo período (séculos VI a XVI). No geral, prevaleceu o sistema de interpretação difundido por Alexandria. Entretanto, nem toda exegese dessa época foi alegórica. Como veremos, subsistiu um núcleo que, em alguns sentidos, antecipou os princípios gramático-históricos da interpretação bíblica dos Reformadores.

Predominância da interpretação alegórica

Embora aqui e acolá surgissem estudiosos reconhecendo o valor da interpretação literal das Escrituras, predominou na Idade Média a *interpretação alegórica* defendida por Orígenes. Um dos primeiros representantes dessa época é **João Cassiano** (m. cerca de 435 AD). Cassiano foi um dos maiores defensores do semi-pelagianismo naquela época. É atribuída a ele a famosa distinção entre os 4 sentidos da Escritura:

1. *Histórico* ou literal - o sentido evidente e óbvio do texto
2. *Alegórico* ou cristológico - o sentido mais profundo, geralmente apontando para Cristo
3. *Tropológico* ou moral - o sentido que determinava as obrigações do cristão e a sua conduta
4. *Anagógico* ou escatológico - o sentido que apontava para as coisas vindouras que o cristão deveria esperar

Essa "quadriga" (também atribuída a Agostinho), mais tarde provocou a famosa rima: *moralis quid agas; quo tendas anagogia; littera gesta docet; quid credas allegoria* ("Moral, o que fazes; o que esperas, *anagogia*. Literal gera docência; o que crês, *allegoria*"). Foi essa perspectiva de que as Escrituras têm diversos níveis de sentidos que dominou a interpretação bíblica no período da Idade Média. Alguns, como Bonaventura (teólogo católico franciscano do século XIII), chegaram até a defender que havia 7 níveis de sentido em cada passagem!

Características da Interpretação Bíblica dessa época

Apoio à liturgia da Igreja

O ponto interpretativo central era *o lugar da lei de Moisés* especialmente nas cerimônias litúrgicas da Igreja. Para justificar o seu uso, era preciso alegorizar o texto do Antigo Testamento de forma a permitir que as cerimônias do culto do Antigo Testamento pudessem ser aplicadas ao contexto cristão. Práticas como uso de corais, velas, imagens, etc., passaram a ser justificadas com base em textos da Escritura interpretados alegoricamente.

Apoio ao dogma eclesiástico

O ensino bíblico feito na Igreja tinha como alvo primário *sustentar os dogmas eclesiásticos*. Assim, o ensino da Bíblia passou a ser identificado com tais dogmas. Para isso, era preciso muitas vezes alegorizar o texto sagrado. Uma relativa *falta de criatividade* marcou o período. A maioria dos comentaristas perpetuava os comentários antigos, citando-os e não produzindo nada novo a não ser inventando criativamente novos sentidos para justificar os novos dogmas e cerimônias.

Aplicações Práticas

A preocupação principal era *prática*. O período das polêmicas havia passado após o Concílio de Calcedônia (451 AD, sobre a pessoa de Cristo). No desejo de *aplicar* as Escrituras, espiritualizava-se seu sentido para permitir a acomodação. Um exemplo é **Gregório, o Grande** (Papa, séc. VI). Ele seguiu o método de Orígenes. Tinha um alto apreço pela Escritura como a Palavra de Deus, dada para instruir os homens quanto à salvação. Isso o levou a procurar o sentido espiritual, interior, oculto por detrás da letra, determinando três níveis de sentido para cada passagem (histórico ou literal, alegórico ou típico e moral). Desses, estava mais preocupado com o sentido moral, pois era um pregador com uma audiência enorme. Um bom exemplo são suas palestras sobre o livro de Jó, *Moralia*. Cada palestra tem uma exposição literal, uma alegórica e outra moral. Na exposição literal de Jó 1.1-5, ele usa o Jó histórico como exemplo de um homem de grande fé, cuja piedade deve ser imitada. Na exposição alegórica, explora os detalhes da narrativa interpretando-os simbolicamente e aplicando-os a Cristo. E na exposição moral, ele identifica Jó com a alma do cristão e suas posses com as virtudes dessa alma.

Ênfase na obscuridade da Escrituras

Segundo Farrar nos informa em seu livro de história da interpretação, com o objetivo de proteger a usurpação hierárquica, os monges, bispos e padres exageraram o fato de que existem passagens obscuras na Bíblia e assim a mantiveram longe das multidões. Transformaram-na em algo semelhante ao livro fechado a 7 chaves mencionado em Apocalipse, cujo sentido somente os bispos e monges podiam desvendar.

Exemplos da interpretação alegórica da Idade Média

- A interpretação alegórica de Jó 1.1-5 feita por Gregório é bem representativa. Jó teve 7 filhos e 3 filhas; 7 representa os apóstolos, já que 7 é composto de 4 e 3, que multiplicados dá 12. Os números 3 e 4 indicam que a Trindade é pregada nos 4 cantos da terra. As 3 filhas representam os 3 santos de Ezequiel 14.14, Noé, Daniel e Jó, que por sua vez representam os sacerdotes, o celibato e o que é fiel no casamento!
- A ressurreição da filha de Jairo na presença de umas poucas testemunhas provava a confissão auricular privada a um sacerdote.
- O sistema levítico era empregado para defender a idéia de que cada presbítero cristão era um sacerdote apto a realizar o santo sacrifício da missa.
- "Do SENHOR são as colunas da terra" (1 Sm 2.8) defendia a existência de cardeais.
- Salmo 8.7-8: "*Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares*". Essa passagem foi usado por Antônio, bispo de Florença, para provar que Deus havia posto todas as coisas debaixo dos pés do papa: as ovelhas são os cristãos; os bois, são os judeus e os heréticos; os animais do campo são os pagãos; os peixes do mar são as almas no purgatório.
- As duas varas mencionadas em Zacarias 11.7 são os Franciscanos e os Dominicanos.
- Salmo 74.13: "Esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos" era usado para defender a expulsão de demônios através do batismo.

Presença de uma tradição hermenêutica gramático-histórica

O tipo de interpretação praticado durante a Idade Média era alegórico, fantasioso, arbitrário, como os exemplos acima demonstram. Isso não quer dizer que nada desse período foi de algum proveito. Uma nova apreciação pelo sentido literal das Escrituras surgiu no período Medieval, devido a alguns fatores.

Surgimento das escolas de teologia

Na Idade Média Alta surgiram as *escolas de teologia* nas catedrais, onde se estudava a Bíblia mais academicamente. As *escolas*, onde se fazia academia (*quaestio*), surgem como contraponto aos *mosteiros*, que eram centros de estudos devocionais (*lectio*). Um exemplo são os monges eruditos da escola da Abadia de São Victor em Paris (**Hugo, André e Herberto**), no século XII, que escreveram obras teológicas e comentários onde a intenção do autor determinava o sentido do texto e onde se dava atenção ao contexto histórico e à gramática (Herberto foi um dos poucos que dominava o Hebraico no período medieval).

A influência de Rashi

Outro fator foi o contato de eruditos cristãos com *estudiosos judeus* que tinham uma abordagem das Escrituras influenciada pelo literalismo de **Rashi** (Rabi Salomão ben Isaque, 1040-1105). Rashi era um judeu erudito famoso, que escreveu comentários influentes na Bíblia Hebraica e na maior parte do Talmude Babilônico. É considerado uma das maiores autoridades na lei Judaica. Um mestre da brevidade, aplicou o método da simplicidade ao máximo, evitando em sua exegese do Antigo Testamento complicações desnecessárias, enfatizando a gramática

e a exposição racional das Escrituras. O estilo e as obras de Rashi acabaram por chegar ao conhecimento de estudiosos cristãos das escolas de teologia e por produzir um novo apreço por uma exegese mais simples e direta.

Publicação de obras que favoreciam a interpretação literal

As obras de **Aristóteles** traduzidas do árabe foram publicadas na Idade Média Alta. O interesse por Aristóteles havia desaparecido no Ocidente depois do declínio de Roma; suas obras foram preservadas em árabe por estudiosos siríacos. Aristóteles percebia o sentido e a realidade, não num mundo de idéias, como Platão, mas nas coisas em si. Sua filosofia foi inclusive acusada de levar ao materialismo pela Igreja Católica, mas acabou servindo de base para o pensamento de Aquino.

Outro fator foi a publicação da obra de **Maimônides**, "Guia para os Perplexos", onde ele defende que a lei pode ser interpretada e aplicada literalmente. Maimonides foi um destacado filósofo judeu medieval (1135-1204). Foi médico do Sultão Saladim e líder da comunidade judaica no Egito, bem como um importante contribuidor para a codificação da Lei Judaica. Ele provocou uma grande controvérsia ao publicar um resumo dos princípios do Judaísmo em 13 declarações (como um credo), com o objetivo de clarificar as principais diferenças entre o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Mas, desde então, esse "credo" passou a ser incorporado na maioria dos livros de oração judaicos.

Surgimento das ordens mendicantes

O que levou **Francisco de Assis** a vender tudo o que tinha, dar aos pobres e sair pelo mundo pregando o Evangelho como ele o entendia, foi sua interpretação literal das palavras de Jesus nos Evangelhos. O surgimento das *ordens mendicantes*, como a dos franciscanos, com sua interpretação simples, direta e literal dos Evangelhos manteve viva a tradição da interpretação literal, muito embora os franciscanos e demais mendicantes fossem filhos de sua época.

A tradução das Escrituras para o vernáculo

Não podemos deixar de dar crédito também à obra pioneira de **João Wycliffe**, que foi traduzir a Vulgata (em latim) para o inglês, a língua do seu povo, desafiando a hierarquia católica. A divulgação da Bíblia em língua vernácula contribuiu para uma leitura simples e direta por parte do povo.

O apreço renovado pelo sentido literal por parte de estudiosos e monges não representou o abandono do método alegórico. Este permaneceu inatacado na Idade Média, como o principal método empregado. Os que haviam descoberto a importância do sentido literal mantiveram também o sistema alegórico de interpretação, como **Tomás de Aquino** (século XIII). Debaixo da influência de Aristóteles (pelo que foi inicialmente questionado pela Igreja), ele deu total atenção e prioridade ao sentido literal, buscando a intenção do autor e usando todas as ferramentas disponíveis para o estudo do texto. Ele estava convencido que metáforas, alegorias e similitudes eram parte da intenção original. Chegou mesmo a ensaiar uma análise de discurso de Gálatas 3! Via também no Antigo Testamento um sentido mais profundo que prefigurava Cristo. Apesar desse aparente retorno ao método antioquiano, Aquino permaneceu leal ao método alegórico.

Conclusão

O ressurgimento do interesse no final da Idade Média pela interpretação gramático-histórica preparou, em certo sentido, a grande revolução hermenêutica que foi a Reforma protestante. É o que veremos em seguida.

Implicações Práticas

A história da interpretação cristã da Bíblia durante a Idade Média nos mostra de forma muito clara como uma hermenêutica alegórica sem controles e a decadência doutrinária da Igreja andam juntas. É verdade que não podemos responsabilizar o método alegórico por todos os desvios doutrinários ocorridos nesse período, mas com certeza ele teve participação decisiva. Semelhantemente, podemos inferir que a crise doutrinária e a falta de rumos claros na teologia da igreja evangélica brasileira em nossos dias se deve em alguma medida à predominância de uma exegese que não se preocupa com o sentido primário, literal e evidente da Bíblia, mas com sentidos que estão além da mesma e disponíveis apenas aos "espirituais".

História da Interpretação Cristã da Bíblia - PERÍODO DA REFORMA

Aula 5: A Reforma

A Reforma protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Representa um momento crucial na história da interpretação cristã das Escrituras. O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado. O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos reformadores. Nessa aula procuraremos resumir as principais contribuições da Reforma para a história da hermenêutica bíblica.

A Bíblia na Reforma

Para melhor entendermos a hermenêutica dos reformadores, devemos começar entendendo a posição que as Escrituras passaram a ocupar em seu pensamento. Os reformadores rejeitaram e combateram o conceito de que a hierarquia da Igreja era a autoridade máxima em questões religiosas, com um papa decidindo infalivelmente as questões. Os reformadores insistiram que a Bíblia era o *juiz maior de todas as controvérsias religiosas*, interpretando-se a si mesma através de suas partes. Ela passou a ser central e crucial no pensamento e na prática dos seguidores da Reforma, ao contrário do lugar secundário que ocupava no catolicismo da Idade Média.

Com o resgate da posição central da Bíblia na fé na prática da Igreja, a sua certeza, divindade, veracidade e autoridade ganharam ainda mais destaque, já que os cristãos agora tinham de apelar a ela para resolver debates teológicos. Antes, era uma hierarquia infalível encabeçada por um papa infalível que decidia todas as questões religiosas. A Reforma protestante, agora, sabia que a decisão destas questões somente podia ser alcançada através do Espírito Santo falando através da Palavra de Deus inspirada e infalível.

A tendência então passou a ser a *harmonização* das passagens difíceis da Bíblia. Na época medieval as passagens difíceis eram interpretadas e resolvidas em harmonia com a tradição e os dogmas da Igreja. No passado, Orígenes havia recorrido à alegoria nesses casos. Mas os Reformadores tinham de achar uma outra solução, já que rejeitavam a autoridade da hierarquia eclesiástica e a alegorese. E esse caminho foi o de *interpretar a Escritura com a Escritura* visando harmonizar as aparentes contradições.

A ênfase à infalibilidade das Escrituras (doutrina nunca negada por Roma, mas subjugada pela tradição medieval) evitou que ela recebesse um tratamento crítico como um *livro comum de religião*. Os Reformadores estavam conscientes de que a Bíblia era um livro *humano*, isto é, foi escrito por homens em uma linguagem humana, vivendo numa época e cultura específicas. Por outro lado, reconheciam o caráter divino da mesma. Empregaram todos os recursos disponíveis na época para o estudo bíblico, mas suas conclusões eram controladas pela doutrina da inspiração, veracidade e infalibilidade das Escrituras. Foi somente após o Iluminismo e a chegada do racionalismo na Igreja que o método histórico-crítico foi desenvolvido. A partir daí, a Bíblia passou a ser examinada sem os pressupostos que controlavam a exegese da Reforma, mas com os pressupostos do racionalismo.

Características da interpretação dos reformadores

Associada à essa perspectiva das Escrituras, e mesmo em decorrência dela, os reformadores desenvolveram um sistema de interpretação que representou um rompimento radical com a hermenêutica alegórica medieval. Eis suas principais características:

Ênfase no sentido literal, gramático-histórico do texto

Havia a preocupação dos reformadores em chegar ao *sentido óbvio, claro e simples de cada passagem das Escrituras*. Eles ensinavam que cada texto tem um só sentido, que é o literal — a não ser que o próprio contexto ou outro texto das Escrituras requeiram claramente uma interpretação figurada ou metafórica. Nesse sentido os reformadores não eram originais, pois durante a Idade Média havia essa consciência por parte de alguns, conforme vimos na aula anterior. Sua contribuição está no fato de que, além disso, eles romperam drasticamente com a alegorese medieval.

Rejeição da alegorese

Os reformadores rejeitaram o conceito que prevaleceu na Idade Média de que o texto tinha diversos sentidos, sendo o alegórico o mais importante. Rejeitaram o uso da alegorese por parte dos escolásticos medievais. Lutero costumava referir-se às alegorias dos escolásticos em termos como "fábulas nojentas". Veja mais detalhes na leitura obrigatória para essa aula.

A necessidade da iluminação do Espírito Santo

Os reformadores enfatizaram a natureza divina das Escrituras, isto é, que elas foram dadas por inspiração divina. A natureza espiritual da mensagem das Escrituras era a principal barreira à sua compreensão por parte de pessoas que não tinham o Espírito. Para os reformadores, esse era o impedimento maior para a verdadeira compreensão das Escrituras, ou seja, a cegueira

espiritual do homem em função da queda. O pecado havia afetado inclusive a capacidade do homem de conhecer as coisas de Deus e recebê-las. Para quem não tinha o Espírito, as Escrituras eram um livro fechado.

Assim, enfatizaram o papel indispensável do Espírito Santo no processo de interpretação da mensagem da Bíblia. Tanto para Lutero, como para Calvino, nenhuma pessoa poderia interpretar corretamente as Escrituras sem a ação iluminadora do Espírito Santo através da própria Palavra.

É interessante observar que nos manuais de culto produzidos pelos reformadores há sempre uma oração na liturgia onde se pede a iluminação do Espírito para a compreensão das Escrituras.

O papel do Espírito na interpretação das Escrituras é um assunto que tem tomado a atenção de muitos estudiosos reformados modernos. Há diferentes compreensões quanto à natureza exata da atuação do Espírito na exegese. Leia com atenção a leitura complementar de Moisés Silva, sobre esse assunto.

A necessidade de estudar as Escrituras

Igualmente, os reformadores reconheciam que a Bíblia era um livro *humano*. Muito embora insistissem na *clareza* das Escrituras, já que eram divinas quanto à origem, reconheciam por outro lado a necessidade de estudar e pesquisar as Escrituras, visto que também eram *humanas*. Isto é, haviam alguns pontos obscuros nelas que precisavam de maior atenção para serem elucidados.

Essas obscuridades residiam no fato de que as Escrituras foram escritas em línguas orientais já mortas, em culturas distantes e em épocas já passadas. Pelo estudo cuidadoso das línguas originais e conhecimento da cultura e da época em que foram escritas, poder-se-ia chegar ao sentido provável das passagens obscuras.

É importante observar que apesar de reconhecer os pontos de difícil interpretação nas Escrituras, os reformadores estavam convencidos de que o sentido geral das mesmas era claro e disponível a todo cristão verdadeiro.

Escritura com Escritura

"Se são obscuras num lugar, são claras em outros", disse Lutero com referência às Escrituras. Esse princípio da Reforma estabeleceu que a única regra infalível de interpretação das Escrituras é a própria Escritura. Ela se auto-interpreta, elucidando, assim, suas passagens mais difíceis.

O ponto de Lutero e dos demais reformadores era que o sentido das Escrituras não poderia mais ser determinado por tradição, nem por decisão eclesiástica, nem por argumento filosófico, nem por intuição espiritual, mas sim, unicamente, por outras partes das Escrituras que explicassem e esclarecessem o seu sentido.

Intenção do autor humano

Todos os reformadores se preocuparam em determinar a intenção do autor, que era geralmente o sentido literal de uma passagem, a menos quando o próprio autor indicava em contrário. Essa era a chave que abria o sentido do texto e determinava o seu sentido.

Em lugar do conceito da alegorese medieval de que um único texto da Bíblia tinha quatro sentidos, os reformadores insistiram que havia apenas um sentido em cada texto, que era o pretendido pelo seu autor humano. Já que o autor humano havia sido inspirado por Deus, havia a coincidência de intenções. Logo, achar o sentido do autor humano, era achar o sentido pretendido por Deus.

Na busca pela intenção autorial, os reformadores empregaram os recursos disponíveis, como o conhecimento da língua que o autor empregou, usos gramaticais, conhecimento das circunstâncias em que o autor escreveu sua obra, entre outras coisas.

Uso de outras obras

Os reformadores fizeram uso abundante da erudição antiga, citando comentaristas medievais, as obras dos pais apostólicos e obras de contemporâneos. Apesar de insistirem na necessidade da iluminação do Espírito para a correta interpretação das Escrituras, não desprezaram o que o Espírito já havia revelado a outros antes deles.

Lembremos que os reformadores defendiam-se da acusação dos papistas, de que estavam introduzindo novos ensinamentos na Igreja de Cristo, apontando para a doutrina da justificação pela fé nos escritos de Agostinho e de outros Pais da Igreja. E não somente com relação a essa doutrina, mas também em relação às demais, sempre citavam as obras antigas para mostrar que estavam em harmonia com as antigas doutrinas apostólicas da graça.

Conclusão

Foram esses princípios que serviram de base para o surgimento da interpretação gramático-histórica que veio a prevalecer na Igreja após a Reforma. Estes e outros princípios de interpretação praticados pelos reformadores (Lutero, Calvino e demais reformadores alemães, suíços, franceses e ingleses), viriam a ser desenvolvidos e adotados pelo protestantismo ortodoxo em geral desde então, e se tornaram conhecidos pelo nome de método gramático-histórico de interpretação bíblica (Anglada).

Entretanto, o grande ímpeto hermenêutico da Reforma, que representou um retorno às Escrituras, sofreu diversas influências no período pós-reforma, como veremos na aula seguinte.

Implicações Práticas

Podemos ver, à essa altura de nosso estudo, que Deus não permitiu que sua Igreja ficasse indefinidamente privada da verdade. Podemos também ver que apesar dos desvios hermenêuticos e doutrinários que prevaleceram na Idade Média, Deus preservou uma semente, pequenos oásis aqui e acolá. E podemos ainda ver que Deus levanta homens no tempo oportuno, para guiar e abençoar o seu povo. Uma lição importante para nós é o equilíbrio hermenêutico alcançado pelos reformadores. Eles conseguiram manter juntas a resposta a duas perguntas importantes: o que a Bíblia significou no passado (exegese) e o que ela significa para nós hoje (aplicação). Essa relação entre a busca do sentido literal e a aplicação (e portanto, espiritualização) desse sentido aos nossos dias representa a união do que havia de melhor nas escolas de Alexandria e Antioquia.

História da Interpretação Cristã da Bíblia - PÓS-REFORMA

Aula 6: Período Pós Reforma

Alguns estudiosos consideram que o período após a Reforma protestante foi negativo para a interpretação cristã das Escrituras e representou, em vários aspectos, um retrocesso das conquistas hermenêuticas dos reformadores. Podemos concordar que nem tudo correu bem nos arraiais protestantes nessa área, mas seria uma radicalização injustificada rejeitar o trabalho dos estudiosos dessa época.

Dogmatismo e controvérsias

Um dos estudiosos mais críticos dessa época é Frederic Farrar, que escreveu uma obra sobre a história da interpretação da Bíblia pelos cristãos. A opinião de Farrar representa bem a de outros estudiosos, que podemos resumir em 4 pontos:

1. A academia pós-reforma *reintroduziu o escolasticismo cristão da Idade Média*, pois promoveu o confessionalismo, o sobrenaturalismo (em detrimento do aspecto humano das Escrituras) e a crença num conceito de inspiração verbal das Escrituras que ia além daquele dos reformadores. Um exemplo citado é a "Fórmula Consensual Helvética", feita por *François Turretini* e dois outros teólogos em 1675, onde afirmam que até mesmo os sinais usados para a vocalização do texto hebraico (que certamente não faziam parte dos manuscritos originais do Antigo Testamento) foram divinamente inspirados e por isso eram inerrantes.
2. A exegese passou a ser controlada pela dogmática, isto é, pelo conjunto de doutrinas características dos reformadores. Com isso, o lado humano das Escrituras foi minimizado e foram impostos limites doutrinários à liberdade de investigação.
3. Já que a autoridade da hierarquia da Igreja católica para interpretar corretamente as Escrituras havia sido rejeitada, o caos instalou-se com as muitas e diferentes interpretações e idéias entre os protestantes.
4. Tornaram a Bíblia num "*papa de papel*", ao colocá-la no lugar da interpretação infalível da Igreja. Como vimos na aula anterior, os Reformadores rejeitaram a doutrina de que a interpretação final das Escrituras era dada pela hierarquia católica, encabeçada pelo papa, e sujeitaram-se à autoridade unicamente das Escrituras, como a melhor intérprete de si mesma. Para Farrar e outros, isso representou apenas a transferência do conceito de infalibilidade do papa para um livro, ou seja, a troca de um "papa" humano por outro de papel.

Segundo alguns críticos, foi esse tipo de interpretação que veio a dominar o período subsequente e a marcar a hermenêutica reformada.

Entendendo a hermenêutica da Pós-Reforma

Sem negar que houve extremos e radicalizações em setores da academia pós-Reforma, dizemos que o momento que ela viveu não permitia caminhos muito diferentes dos que ela tomou.

A tendência à sistematização do ensino bíblico e o surgimento de confissões e tratados teológicos nasceu das *controvérsias doutrinárias* entre os protestantes. Essas controvérsias eram inevitáveis, desde que a Reforma havia rejeitado a autoridade final da Igreja e introduzido o conceito do livre exame das Escrituras. Com isso, vários entendimentos diferentes apareceram, provocando o desejo de uma formulação sistemática cada vez mais detalhada.

O desejo de sistematizar em detalhes a doutrina cristã era também uma questão de sobrevivência: a *Contra-Reforma*, movimento católico de reação aos protestantes, vinha desde o século XVI recuperando o terreno perdido, através dos Jesuítas. Era preciso que as igrejas reformadas tivessem respostas claras e prontas para seus membros. Catecismos e tratados eram a saída mais rápida e fácil.

Também devemos lembrar que no período da pós-Reforma havia uma preocupação maior entre os estudiosos protestantes de *harmonizar e sintetizar o ensino das Escrituras de forma racional*, para que o mesmo pudesse ser melhor compreendido e ensinado. Os catecismos foram produzidos também com esse objetivo. Em 16 de Março de 1529 Martinho Lutero publicou a primeira edição do seu *Enchiridion*, ou Catecismo Menor, com o objetivo de transmitir o Evangelho de forma clara e direta aos jovens de sua época, que viviam em estado lamentável de imoralidade e desconhecimento de Deus. Esse catecismo estava dividido em perguntas e respostas; contribuiu grandemente para levar avante a obra de reforma religiosa, sendo largamente usado nas escolas públicas e nos lares.

Um outro fator a ser lembrado é o profundo desejo dos estudiosos protestantes daquela época de *preservar a doutrina bíblica* e rechaçar os falsos ensinos de Roma. A melhor maneira era organizar cuidadosamente a doutrina protestante, de forma sistemática, para que pudesse servir de manual doutrinal e confessional da Igreja. Foi nesse contexto que apareceram as confissões protestantes mais importantes, que serviriam mais tarde para a preservação doutrinária do Protestantismo histórico.

Finalmente, existem profundas diferenças entre a doutrina reformada da autoridade das Escrituras e a católica da infalibilidade papal, e as conseqüências de ambas para a vida da Igreja. A crítica de que os reformadores adotaram um "papa de papel" parece-nos na verdade dirigida à doutrina reformada da infalibilidade das Escrituras.

Conclusão

De fato, a hermenêutica da pós-Reforma teve seus problemas. Seria um exagero, entretanto, dizer que toda exegese que foi feita naquela época era ruim. Veja-se o clássico comentário de Matthew Henry e o sério trabalho de exegese feito pelos autores da Confissão de Fé de Westminster, cuja hermenêutica estudaremos em seguida.

Vemos também que qualquer que seja o sistema religioso ou hermenêutico, a questão final é quem decide qual a interpretação correta. A Igreja Católica resolveu essa questão criando a idéia de uma hierarquia eclesiástica encabeçada por um papa infalível e descendente espiritual dos apóstolos de Cristo. Seitas geralmente têm seus líderes e fundadores. Para nós, reformados, a autoridade máxima é o Espírito de Deus falando através das Escrituras. Por mais subjetivo que isso possa parecer, essa abordagem tem garantido nos anos de existência da Igreja reformada uma coesão de pensamento nos pontos fundamentais do Cristianismo, em meio à enorme variedade que caracteriza os protestantes.

Implicações Práticas

Há muita coisa a aprender com as experiências dos protestantes no período que se seguiu à Reforma.

Em termos práticos: mais que nunca, a Igreja evangélica brasileira deve retornar à doutrina fundamental da Reforma, *sola Scriptura* (somente a Escritura). Somente isso evitaria a proliferação de líderes carismáticos arrogando-se em canais inspirados de revelação divina. Outra lição prática é que a iluminação do Espírito na leitura e interpretação das Escrituras não garante a mesma compreensão a todos os cristãos quanto a matérias secundárias à fé, como a história tem demonstrado. Isso nos deve levar a duas coisas: entender e nos apegar ao que realmente é fundamental do Cristianismo e ser tolerante quanto à interpretação de pontos secundários.

OS PURITANOS

Quem foram os Puritanos

A importância de estudarmos a interpretação dos puritanos reside no fato de que foram eles que elaboraram uma das mais influentes e significativas confissões de fé do Cristianismo histórico, a Confissão de Fé de Westminster, bem como dois catecismos (o Maior e o Menor), que são adotados pelas Igrejas presbiterianas no mundo.

Os puritanos viveram não muito depois da Reforma protestante. Esse apelido foi colocado por seus inimigos, para ironizar o ideal de pureza que defendiam. O puritanismo não era uma denominação mas um movimento dentro da Igreja da Inglaterra (conhecida também como Igreja Anglicana) e das igrejas independentes, que desejava maior pureza na Igreja, no estado e na sociedade. Queriam que a Reforma, iniciada décadas antes, fosse completa. Estavam insatisfeitos porque a Igreja da Inglaterra (Anglicana) reformou-se apenas parcialmente, conservando ainda muita coisas do Catolicismo que consideravam como contrárias às Escrituras.

Muitos puritanos eram ministros ordenados da Igreja da Inglaterra e das igrejas presbiterianas, batistas e congregacionais. Escreveram e produziram muito material teológico, onde encontramos claramente seu método hermenêutico. Nessa aula, procuraremos resumir as principais características do seu sistema de interpretação bíblica.

Características da Interpretação Puritana - Alto apreço pelas Escrituras

À semelhança dos Reformadores (na verdade, à semelhança dos apóstolos!), os intérpretes puritanos tinham alto apreço pelas Escrituras, mantendo a sua divindade, autoridade e centralidade na vida da Igreja e do cristão individualmente. Eis alguns exemplos do que disseram a esse respeito

- *Thomas Goodwin*: "As coisas que estão escritas são extratos e cópia da Bíblia que Deus tem no seu coração, e que foi escrita desde a eternidade."
- *Thomas Watson*: "Pense, a cada linha que você lê, que Deus lhe está falando."

Os puritanos apegaram-se a uma regra que veio a ser conhecida como o "princípio regulador": todas as coisas na vida, na Igreja (especialmente no culto) e no Estado devem estar debaixo da autoridade da Escritura. Ao elaborarem a Confissão de Fé de Westminster fizeram abundante uso das Escrituras para provar praticamente cada frase que escreveram.

A Bíblia é sobre Cristo e para os que crêem em Cristo

Continuando a ênfase dos Reformadores, os puritanos entendiam que Cristo era o tema central das Escrituras. Nos comentários que escreveram sempre procuram mostrar como esta ou

aquela passagem se relaciona com Cristo. Veja, por exemplo, o que escreveu Isaac Ambrose, um renomado intérprete puritano, acerca do tema central das Escrituras:

"(1) Cristo é a verdade e a substância de todos os tipos e símbolos do VT; (2) Cristo é a substância e o conteúdo do pacto da graça; (3) Cristo é o centro e o ponto de encontro de todas as promessas; (4) Todos os sacramentos do VT e NT apontam para Cristo; (5) As genealogias da Escritura apontam para Cristo; (6) As cronologias da Escritura nos mostram as épocas e tempos de Cristo; (7) As leis do VT servem como aio (pedagogo) para nos levar a Cristo; (8) Cristo, portanto, é a própria substância, centro, escopo e alma das Escrituras."

Necessidade de conversão e iluminação do Espírito Santo

Os intérpretes puritanos insistiam na necessidade da iluminação do Espírito Santo para uma salvadora compreensão da mensagem da Bíblia. À semelhança dos reformadores, insistiam que sem a iluminação do Espírito, ninguém pode compreender e aceitar o sentido das sagradas letras. Eis o que dois famosos estudiosos puritanos escreveram sobre o assunto:

- *J. Owen*: "Um princípio claro do Cristianismo é que oração constante e fervorosa pela assistência do Espírito é um meio indispensável para se obter o conhecimento da mente de Deus revelada na Escritura, e que sem oração, os demais meios (métodos) de nada nos valerão."
- *R. Baxter*: "Antes e depois de ler as Escrituras, ore fervorosamente para que o Espírito que a inspirou exponha o seu sentido a você e o guie na verdade."

Isto não quer dizer que os estudiosos puritanos desprezavam o uso de métodos de interpretação e o estudo das línguas originais. Bem ao contrário, a grande maioria deles era composta de homens treinados nas línguas originais, em latim, filosofia, literatura, artes e música. Outros ainda eram treinados em matemática e astronomia.

Intenção autorial

A regra geral dos estudiosos puritanos era essa: o sentido de uma passagem é o sentido literal, natural, óbvio e que era a intenção do autor. Também nesse ponto eram seguidores dos reformadores, que haviam reagido contra o conceito medieval de que havia vários sentidos num único texto. Para eles, cada texto tinha apenas um sentido, que era o pretendido pelo autor humano:

- * *William Bridge*: "Se você deseja descobrir o sentido correto de uma passagem difícil, preste atenção ao seu contexto, coerência e escopo."
- * *John Owen*: "Não existe nenhum sentido numa passagem além daquele que está contido nas palavras."

Desejo de aplicar as Escrituras aos seus dias.

A interpretação dos puritanos era marcada pela dimensão pastoral do ministério deles. Lembremos que quase todos os puritanos que se destacaram pelos seus escritos eram também pastores, com preocupações pastorais e práticas. Eles sempre procuravam entender as Escrituras para em seguida tirar as aplicações e "usos" práticos para seu rebanho. O sermão puritano clássico tinha uma primeira parte em que a interpretação do texto bíblico era

feita e uma segunda parte, onde se anunciavam os "usos" práticos da passagem. Havia sermões com até mais de 30 "usos" e "sub-usos"!

O famoso John Owen, escrevendo sobre a doutrina da justificação pela fé, disse: "Nosso alvo com a exposição desta doutrina é orientar, instruir e apaziguar as consciências dos homens, e não uma mera curiosidade intelectual ou desejo polêmico."

Eles também desejavam interpretar a vida e as experiências à luz das Escrituras. Um exemplo é o sermão do pastor puritano Thomas Prince (1727), pregado em Boston, no Salmo 18:7 "Terremoto: Obra de Deus e Sinal da sua Indignação." Prince pregou esse sermão após um terremoto ter sacudido a região. Ele interpretou-o como sinal da ira de Deus contra seu povo e pregou sobre a necessidade de arrependimento.

Alguns problemas com a interpretação puritana

Os puritanos produziram abundante material teológico, firmados em princípios sólidos de interpretação bíblica cuja raiz estava na hermenêutica dos reformadores. Entretanto, apesar de unânimes nos pontos que caracterizaram o puritanismo, seus maiores intérpretes divergiam por vezes entre si em questões polêmicas, o que seria de se esperar. Por exemplo, na interpretação de Romanos 11.25-26, "... e assim, todo o Israel será salvo":

- *Richard Baxter*: não concordava que Paulo se referia à futura conversão dos judeus.
- *Thomas Goodwin*: achava que Paulo se referia conversão dos judeus e ao reinado literal de mil anos.
- *William Perkins*: Paulo referia-se à conversão dos judeus, mas não a um milênio literal.

Porém, é importante notar que essas divergências não se deviam a diferentes modelos de interpretação que usavam. Todos seguiam basicamente o mesmo padrão. Mas, outros fatores, como temperamento, experiências diferentes, ministérios e interesses diferentes.

Um problema que aparecia às vezes na interpretação de alguns puritanos foi o permitir que sua exegese fosse controlada por um aspecto teológico dominante. Em alguns casos, a interpretação do Antigo Testamento foi dominada pela idéia de que tudo que se aplicava à Israel no passado se aplica à Igreja no presente, havendo uma identificação quase total da Igreja com o povo de Israel no Antigo Testamento. Muitos puritanos que vieram fugidos da Europa para os Estados Unidos (na época chamados de Nova Inglaterra), viram a terra nova como Canaã, a terra prometida e a Igreja ali, como Israel. Houve resultados positivos: Dias de oração e jejum para buscar a Deus por causa das catástrofes como seca, terremoto, interpretados como sinal da ira de Deus sobre eles. Mas houve outros negativos, como a implementação de leis do VT, a intolerância religiosa (morte aos heréticos e às bruxas), e observância legalista do dia de descanso.

Um outro problema era a inconsistência para com o método gramático-histórico. Por vezes, alguns dos melhores intérpretes puritanos alegorizavam demasiadamente o texto do Antigo Testamento em seu desejo de ver a Cristo e a dispensação evangélica ali. Um exemplo é o comentário de John Gill no Salmo 19:1: "Os céus declaram a glória de Deus...". Escreve Gill:

Não devemos entender os céus literalmente, apesar destes, como trabalhos manuais de Deus, declaram a glória das suas perfeições, especialmente a sabedoria dele e seu poder. Essas coisas mostram que há um Deus, e que ele é um Deus glorioso. Mas, devemos entender essa passagem como se referindo a uma dessas três coisas (ou todas elas): (1) Às igrejas evangélicas, freqüentemente representadas pelo reino do céu, no Novo Testamento; (2) Aos membros delas, como pessoas nascidas do alto, e cujas doutrinas são provindas dos céus. Há uma semelhança muito grande entre eles e

os céus, pois ambos proclamam a glória das perfeições divinas. (3) Aos apóstolos e primeiro pregadores da palavra, como aparece em Romanos 10.18; tinham uma posição fixa no lugar mais alto na igreja.

Aqui Gill interpreta, a princípio, literalmente, mas em seguida, espiritualiza a passagem tendo como referência a dispensação do Evangelho.

A influência da interpretação dos Puritanos na Confissão de Fé de Westminster

Os puritanos escreveram a Confissão de Fé de Westminster. Ela tornou-se a expressão de fé não somente das igrejas reformadas da Escócia, mas das principais igrejas Presbiterianas no mundo -- inclusive no Brasil. Nela percebemos com clareza traços da sua hermenêutica. Os puritanos começaram a Confissão com um capítulo sobre as Escrituras, o que já demonstra que para eles a Bíblia era a autoridade final e máxima sobre todas as questões da vida. Nesse capítulo vemos refletidas algumas das características da doutrina puritana das Escrituras e do método pelo qual elas devem ser interpretadas: (veja nas Referências para essa aula o link para a Confissão de Fé e consulte os parágrafos indicados)

- A inspiração, veracidade e autoridade das Escrituras (Capítulo I, parágrafo I)
- A necessidade da iluminação do Espírito para a compreensão salvadora da Bíblia (Capítulo I, parágrafo VI)
- A Escritura é a sua melhor intérprete (interpretar Escritura com Escritura) (Capítulo I, parágrafos VII e IX)
- O texto só tem um sentido, que é o pretendido pelo autor humano (Capítulo I, parágrafo IX)

Conclusão

A interpretação puritana representa, em muitos sentidos, a maturação dos princípios hermenêuticos desenvolvidos na Reforma. Os puritanos tinham pressupostos teológicos quanto às Escrituras que eram os mesmos pressupostos dos reformadores, especialmente João Calvino. Para Calvino, o conhecimento de Deus nos chega através das Escrituras, pela iluminação do Espírito, e esse conhecimento é seguro e certo. Esse fundamento teológico claramente influenciou a hermenêutica dos puritanos.

Veremos na próxima aula como o surgimento do Racionalismo acabou por influenciar a hermenêutica reformada provocando o surgimento do método histórico crítico de interpretação.

Implicações Práticas

Não é que os teólogos se tornaram ateus ou agnósticos, mas sim que tentaram combinar o Racionalismo com as verdades da fé cristã. Surge então o *deísmo*. Deísmo é o termo aplicado ao pensamento dos livre pensadores dos séculos XVII e XVIII que procuraram compatibilizar a crença em Deus e o Racionalismo do Iluminismo. O deísmo afirma a existência de Deus mas nega sua intervenção na história humana, quer através de revelação, quer através de milagres ou da providência.

Podemos destacar dois importantes resultados da influência do Iluminismo sobre a interpretação bíblica:

Rejeição do sobrenatural e da revelação

Com a predominância do Racionalismo em todas as áreas do conhecimento, não restou mais espaço para o sobrenatural. Houve uma *secularização* de todos os aspectos da vida e do pensamento. Como resultado da invasão do Racionalismo na teologia, chegou-se a conclusão de que *o sobrenatural não invade a história*. A história passou a ser vista como simplesmente uma relação natural de causas e efeitos. O conceito de que Deus se revela ao homem e de que intervém e atua na história humana foram excluídos "de cara".

Como conseqüência, os relatos bíblicos envolvendo a atuação miraculosa de Deus na história, como a criação do mundo, os milagres de Moisés e os milagres de Jesus passaram a ser desacreditados. Já que milagres não existem, segue-se que esses relatos são fabricações do povo de Israel e depois da Igreja, que atribuiu a Jesus atos sobrenaturais que nunca aconteceram historicamente. Para se interpretar corretamente a Bíblia, seria necessária uma abordagem "não religiosa", desprovida de conceitos do tipo "Deus se revela", ou "a Bíblia é a revelação infalível de Deus" ou ainda, "a Bíblia não pode errar".

Teólogos protestantes que adotaram essa abordagem crítica (que consideravam como "neutra") justificavam-se afirmando que a Igreja Cristã, pelos seus dogmas e decretos, havia obscurecido a verdadeira mensagem das Escrituras. No caso dos Evangelhos, os dogmas acerca da divindade de Jesus haviam obscurecido a sua figura humana, e tornaram impossível, durante muito tempo, uma reconstrução histórica da sua vida. Essa impossibilidade, continuam, tornou-se ainda maior após a Reforma, quando a exegese dos Evangelhos e da Bíblia em geral passou a ser controlada pelas confissões de fé e pela teologia sistemática.

Exegese controlada pela razão

Os estudiosos críticos argumentaram ainda que, para que se pudesse chegar aos fatos por detrás do surgimento da religião de Israel e do Cristianismo, seria necessário deixar para trás dogmas e teologia sistemática, e tentar entender e reconstruir os fatos daquela época.

O principal critério a ser empregado nessa empreitada seria a *razão*, que os racionalistas entendiam como sendo a medida suprema da verdade. As ferramentas a serem usadas seriam aquelas produzidas pela crítica bíblica, como crítica da forma, crítica literária, entre outras (essas críticas são analisadas mais adiante nessa aula).

Assim, muitos pastores e teólogos que criam que a Bíblia era a Palavra de Deus, influenciados pela filosofia da época, tentaram criar um sistema de interpretação da Bíblia que usasse como critério o que fosse racional ao homem moderno. Muitos desses estudiosos passaram a ser "deístas". Seguiram-se várias tentativas hermenêuticas de unir fé e Racionalismo, dando origem ao chamado "método histórico-crítico" de interpretação bíblica.

Origem e desenvolvimento do método histórico-crítico

Podemos considerar que o método histórico-crítico nasceu no final do século XVII, debaixo da influência do Iluminismo e do Deísmo, desenvolveu-se durante os séculos XVIII e XIX, tendo seu fim (historicamente) no século XX. Apesar disso, os supostos resultados "infalíveis" desse método continuam ainda hoje a influenciar os estudos acadêmicos da Bíblia, sendo aceitos como fatos provados, em vez de meras hipóteses (o que são, na realidade).

Debaixo da influência do Racionalismo, a tarefa da hermenêutica passou a ser considerada como *metodológica*, ou seja, competia à hermenêutica elaborar métodos através dos quais se pudesse, de forma isenta dos pressupostos, alcançar o sentido verdadeiro de um texto. Os métodos críticos de interpretação das Escrituras surgiram em decorrência desse pressuposto, e integraram a hermenêutica da época.

Características da interpretação bíblica desenvolvida nesse período

Os estudiosos responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento inicial do método crítico eram tanto liberais quanto conservadores. De uma forma ou de outra, estavam debaixo da influência do Racionalismo. Alguns eram *deístas*, tentando sustentar ao mesmo tempo sua fé em Deus e nas Escrituras e um compromisso com o Racionalismo. Eis algumas das características da interpretação por eles desenvolvida

1. **Reação contra o dogmatismo e o controle da exegese feito pela teologia sistemática** -- Alguns professores de teologia começaram a insistir que o "dogma" da inspiração divina da Bíblia deveria ser deixado fora da exegese, para que a mesma pudesse ser feita de forma "neutra".
2. **Surgimento do conceito de "mito" na Bíblia** -- o conceito de "mito" começa a ser aplicado aos relatos miraculosos do Antigo e Novo Testamentos. Mito era a maneira pela qual a raça humana, em tempos primitivos, articulava aquilo que não conseguia compreender. Segundos os exegetas críticos, as fontes que os autores bíblicos usaram estavam revestidas de "mitos". Surge o termo "alta crítica" para se referir à essa tarefa de "criticar" o relato bíblico e "limpá-lo" dos acréscimos mitológicos. Outros estudiosos preferiram usar o termo "saga" para se referir às lendas criadas pela Igreja apostólica sobre Jesus.
3. **Exige-se a separação entre os dois Testamentos** -- Houve reação dos estudiosos críticos contra a interpretação do Antigo Testamento feita do ponto de vista do Novo (interpretação cristológica defendida e desenvolvida pelos Reformadores e puritanos). Os acadêmicos insistem na separação dos Testamentos para que o Antigo pudesse ser lido sem a interferência do Novo e para que o Novo fosse lido sem a interferência das doutrinas e dogmas da Igreja. Disseram que só assim poderiam fazer justiça aos autores bíblicos.
4. **Abandono da doutrina da inspiração e inerrância das Escrituras** -- apesar de que muitos estudiosos conservadores seguissem o método histórico-crítico, ainda mantinham a confiança de que a Bíblia não tinha erros. Entretanto, em breve seriam em número bastante reduzido. Johann Semler (séc. XVIII), teólogo luterano alemão da Universidade de Halle fez a separação entre *palavra de Deus* e *Escritura Sagrada*. Com isso ele rejeitou o conceito da inspiração e infalibilidade da Bíblia. A mesma deveria ser entendida como testemunha de uma época histórica específica – sem relevância para hoje. Como resultado, a Bíblia passou a ser estudada como qualquer outro livro, e o método histórico-crítico passou a ser a única ferramenta que poderia descobrir a verdade.
5. **A influência da dialética de Hegel** marcou o final desse período. Esse "método" (assim considerado por Hegel) oferecia uma visão da história sem Deus, explicando os acontecimentos, não em termos da intervenção divina, mas em termos de um movimento conjunto do pensamento, fazendo sínteses entre os movimentos contraditórios (tese e antítese). Hegel afirmava que o processo dialético contínuo leva

ao conhecimento absoluto. Um importante teólogo alemão (Ferdinand Baur), usando a dialética de Hegel, tentou explicar a história da Igreja primitiva como sendo o embate entre o cristianismo de Pedro (legalista) e o de Paulo (mais aberto). A síntese desses movimentos opostos foi o surgimento dos inícios da Igreja católica no século II.

Principais metodologias críticas

Alguns métodos de interpretação foram desenvolvidos durante esse período, diferentes quanto ao propósito e metodologia, porém tendo como pressupostos comuns as características da hermenêutica racionalista. Temos as críticas das fontes, da forma, da redação, literária, histórica, da tradição, etc. Nem sempre a nomenclatura reflete unanimidade entre os estudiosos. De forma bem geral, eis os principais métodos (eles serão estudados em detalhe na disciplina *Métodos Críticos de Interpretação*, com Dr. Mauro Meister, em 2000):

Crítica das Fontes

Tem como objetivo identificar e isolar as supostas fontes escritas que foram usadas pelos arquivistas (coleccionadores, editores) para compor o texto bíblico como o temos hoje, e estudar a "teologia" dessas fontes. A forma mais popular é a "Hipótese Documentária" de *Graff-Wellhausen* que defende a existência de 4 fontes documentárias por detrás da composição do Pentateuco (J, E, D e P).

No Novo Testamento, a crítica das fontes floresceu principalmente nos estudos dos Evangelhos Sinópticos, tentando reconstruir o processo de formação dos Evangelhos e as fontes escritas de que se utilizaram ("Mateus" teria usado Marcos, o documento Q e uma coleção de ditos que somente "Mateus" teria). Via de regra, percebem teologias conflitantes nessas fontes escritas e consideram os editores como incompetentes e inábeis por "costurarem" o texto com retalhos diversos sem se preocupar em uniformizá-los teologicamente.

Crítica da Forma

Vai mais além que a crítica das fontes e ocupa-se com a *pré-história* das fontes escritas que compuseram o texto. De acordo com a crítica da *forma*, boa parte dos livros que compõem o Antigo e o Novo Testamentos são, em sua forma final, o resultado de um processo de coleção, edição e harmonização de tradições antigas, fontes anteriores (escritas ou não) por parte de editores e escribas. Essas fontes adquiriram sua *forma* (ou gênero, como sagas, lendas, ditos dominicais, etc.) no processo de reflexão, evangelização e apologia por parte da igreja, e refletem a teologia da igreja (*Gemeindeftheologie*).

A crítica da forma, portanto, preocupa-se com o estágio oral pelo qual o texto passou antes de adquirir forma escrita. O alvo do intérprete é reconstruir o ambiente vivencial (*Sitz im Leben*) em que essas fontes foram produzidas para assim chegar ao sentido do texto.

Crítica da Redação

Esse método centralizou as suas atenções na figura dos escribas, arquivistas ou editores ou coleccionadores que haviam combinado as fontes para formar o texto escrito em sua forma final.

Já que, para os críticos das fontes e da forma, as fontes originais e o processo histórico e social da formação do texto final eram de inestimável valor para se recuperar a teologia das comunidades que produziram estes textos, os *motivos teológicos* que levaram um editor a colecionar determinados documentos, se utilizar de várias fontes, e colocá-las juntas num mesmo trabalho, certamente revelaria também muita coisa sobre a teologia do período em que ele elaborou sua obra.

E assim, de meros técnicos literários desajeitados, os editores passaram a ser vistos como *escritores*, com suas próprias crenças, preocupações teológicas e habilidades literárias. E tornou-se a tarefa da crítica da redação descobrir a "teologia" destes redatores, os princípios teológicos que controlaram sua redação das fontes e das tradições, alcançando a forma final que hoje temos.

Conclusão

A tentativa de unir o Racionalismo com a exegese bíblica não produziu um resultado satisfatório. Muito embora o método histórico-crítico tenha avançado em alguns aspectos nosso conhecimento de como a Bíblia foi feita, seus pressupostos acabaram por tirar o sobrenatural da Bíblia. Ficamos com uma Bíblia que deixou de ser a Palavra de Deus para se tornar o testemunho de fé do povo de Israel e da Igreja Primitiva. Quando leio a Bíblia, não é Deus quem eu encontro, mas a fé dos antigos.

Foi Deus quem nos deu a capacidade de raciocinar e de analisar logicamente as coisas. Entretanto, o Racionalismo esqueceu-se de que a razão do homem está corrompida pelo pecado. A simples análise racional, não pode trazer o verdadeiro conhecimento de Deus ao homem. "O homem natural não entende as coisas do Espírito de Deus" (1 Co 2.14). É somente com a assistência do Espírito, trazendo cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Co 10.5), que podemos apropriadamente entender as coisas de Deus.

A exegese racionalista predominou por muitos anos na Igreja. Mas seu domínio começou a ser quebrado quando os próprios racionalistas começaram a perceber as limitações do método histórico-crítico. Aí, entramos no período chamado de pós-moderno, que é o tema da aula seguinte.

Implicações Práticas

Essa fase da história da interpretação cristã das Escrituras nos ensina muitas lições preciosas. Desejo destacar apenas uma, que considero muito importante. Os intérpretes racionalistas tentaram interpretar a Bíblia deixando de lado o pressuposto da sua inspiração e divindade, defendendo uma abordagem "neutra". Insistiram que o método histórico-crítico era "científico". Entretanto, a história demonstrou que não houve essa "neutralidade" e que o método não era tão científico assim. Os pesquisadores se aproximavam da Bíblia já com o pressuposto de que o sobrenatural não invade a história e portanto, já descartando de cara os relatos miraculosos da Bíblia. Isso é que é exegese preconceituosa!!

Em termos práticos, nenhum de nós pode ler a Bíblia sem a influência do que cremos. A própria Bíblia exige de nós que creiamos nela para podermos chegar ao conhecimento de Deus. O importante é que tenhamos *os pressupostos corretos* em nossa leitura. E esses pressupostos são exatamente aqueles exigidos pela própria Palavra de Deus: que reconheçamos seu caráter divino e humildemente creiamos no que ela nos afirma.

História da Interpretação Cristã da Bíblia - PERÍODO PÓS-MODERNO

Aula 9: Características da Hermenêutica Pós-Moderna

O pós-modernismo

Os estudiosos da nossa época situam em algum lugar das décadas de 70 e 80 o nascimento da pós-modernidade. Como o nome indica, é o período da história que veio para tomar o lugar do período moderno. Como já vimos nas aulas anteriores, a hermenêutica bíblica sempre acompanhou os movimentos da história. E não tem sido diferente no caso da pós-modernidade: profundas mudanças têm acontecido na hermenêutica em anos recentes. Para melhor entendermos essas mudanças, notemos algumas das características da pós-modernidade.

1. **A pluralidade da verdade.** O pensamento pós-moderno rejeita o conceito de que existam verdades absolutas e fixas. Toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural onde as pessoas vivem. Isso inclui verdades religiosas. Conceitos como "Deus" são totalmente relativos. Cada um percebe a verdade de sua própria forma. Não existe "verdade", mas sim "verdades" que não se contradizem mas se complementam. A única "inverdade" que existe é alguém insistir que existe verdade fixa e absoluta! Para a mente pós-moderna, a mensagem cristã é muito ofensiva, pois apresenta Jesus Cristo como sendo o único caminho e o Evangelho como sendo a verdade.
2. **A rejeição do ideal racionalista da busca da verdade.** Os pós-modernistas rejeitam o ideal do pensamento moderno de que a verdade pode ser alcançada através da análise racional. A pós-modernidade abandonou a busca de verdades absolutas e fixas, que caracterizou o período anterior. Portanto, rejeita igualmente o conceito de dogmas e definições exatas.
3. **O abandono do conceito de neutralidade na pesquisa científica.** Os pós-modernos chegaram à conclusão de que não é possível fazer-se uma pesquisa ou análise totalmente neutra, isenta de preconceitos e pressupostos. Esse ideal era apenas mais uma ilusão dos estudiosos do período moderno. Cada pessoa analisa as coisas de acordo com o que pensa e o que crê. Não existe, segundo eles, qualquer possibilidade de se fazer uma pesquisa metodológica e analítica de forma absolutamente isenta. O cientista, qualquer que seja a sua área de pesquisa, traz para sua análise o conjunto de dados em que crê, as suas experiências e seu mundo, e tais coisas acabam por influenciar o resultado de seu trabalho.
4. **A defesa do pluralismo inclusivista.** O pós-modernismo busca uma sociedade pluralista, onde exista a convivência amigável entre visões diferentes e opostas. Isso é chamado de *pluralismo inclusivista*. Espera-se que as opiniões cedam espaço umas às outras, particularmente aos pontos-de-vista marginalizados, aqueles que foram calados por gerações pelas vozes dominantes da sociedade, como é o caso do ponto-de-vista feminista, das minorias raciais e das culturas desprezadas. Isso abriu o campo para as hermenêuticas das minorias, como a hermenêutica feminista, a hermenêutica da libertação, a hermenêutica da raça negra, a hermenêutica homossexual, etc.
5. **O conceito do "politicamente correto".** Nessa sociedade pluralista e inclusivista, a opinião e as convicções de todos têm de ser respeitadas -- algo com que o cristão bíblico, a princípio, poderia concordar. Mas, para os pluralistas, a razão para esse

"respeito" é porque a opinião de um é tão verdadeira quanto a opinião do outro. Já que não existem conceitos absolutos na área de religião e de moral, não pode haver proselitismo, isto é, alguém tentar convencer outro a mudar de religião ou de comportamento -- e com isso, o cristão bíblico não pode mais concordar. Argumentar (como sempre é o caso com os evangélicos) que sua religião é certa e a do outro é errada torna-se "politicamente incorreto" na sociedade pluralista, e é inaceitável. Também é politicamente incorreto criticar a conduta moral de alguém, como por exemplo, dizer que o homossexualismo é errado.

O impacto na interpretação cristã das Escrituras

Como era de se esperar, essa mudança afetou profundamente a academia cristã com reflexos na hermenêutica bíblica. É verdade que as "novas luzes" (novos conceitos) trazidas pela pós-modernidade têm sido recebidas com cautela e cuidado pelos estudiosos reformados conservadores, que ainda relutam em aceitá-las, especialmente por causa dos efeitos que terão na pregação, na evangelização e na vida das igrejas cristãs. Mas os novos conceitos hermenêuticos da pós-modernidade conseguiram entrar em muitos círculos acadêmicos de estudo da Bíblia e produziu diversos tipos novos de interpretação e abordagem das Escrituras, como veremos nas aulas seguintes.

Em linhas gerais, podemos destacar os seguintes efeitos da pós-modernidade na hermenêutica bíblica:

1. **O abandono do uso de métodos críticos para reconstruir o processo histórico da formação dos textos bíblicos.** A hermenêutica do período moderno era basicamente *diacrônica*, isto é, ela rebuscava o passado visando entender o processo histórico da formação dos textos bíblicos, para daí partir para analisar o sentido dos mesmos. Agora, ela tornou-se *sincrônica*, isto é, preocupada apenas em entender o texto à luz de si próprio e da interação com o leitor. Apesar de ter preservado muitos dos resultados dos métodos críticos, a hermenêutica pós-moderna realmente não se preocupa mais com questões do tipo: quem foi o autor, quando e por que ele escreveu, qual o processo histórico que levou à formação do texto, etc.
2. **A abertura para a pluralidade de interpretações.** Encerra-se com a pós-modernidade o ideal de se chegar ao sentido único de um texto bíblico. Para começar, não existe isso, dizem os pós-modernos. E mesmo que existisse, seria inacessível em nossos dias devido à distância cultural, temporal e lingüística que nos separam do autor e do texto que ele escreveu. A intenção do autor, que era considerada vital para a compreensão do texto, é excluída pelos hermeneutas pós-modernos, visto que, na opinião deles, a mesma é impossível de determinar-se. Cada nova leitura de um mesmo texto permite novas e diferentes interpretações, todas igualmente válidas, e nenhuma tendo necessariamente relação com o sentido original ou com a intenção autorial.
3. **Mudança na natureza da hermenêutica.** Como vimos, antes do surgimento do Iluminismo, a hermenêutica bíblica preocupava-se em elaborar princípios de interpretação visando chegar ao entendimento do texto sagrado. Após o surgimento do método histórico crítico, ela tornou-se *metodológica*, isto é, preocupada em estabelecer métodos de análise racional que recompusessem o processo histórico da formação dos textos bíblicos. Agora, no período pós-moderno, a hermenêutica transfigura-se em epistemologia. Ou seja, não mais preocupada com métodos de investigar a verdade dos

texto bíblicos, ela passa a preocupar-se com a natureza do entendimento. Virou *filosofia da linguagem*.

4. **Impossibilidade da recuperação do sentido original do texto.** A abordagem pós-moderna das Escrituras considera impossível alcançar-se o sentido original do texto bíblico. Acredita ser possível apenas explorar uma espécie de reservatório de sentidos que há nele, extraindo "sentidos" que dependerão das circunstâncias em que estivermos. Consequentemente, a verdade de Deus revelada nas Escrituras torna-se apenas um ideal a ser perseguido, ideal esse que jamais será alcançado com segurança aqui nessa vida. Como resultado, jamais poderemos ter certeza absoluta de que conhecemos a verdade. O máximo que poderemos fazer é afirmar com convicção um dos muitos sentidos que poderíamos encontrar no texto.
5. **Emprego das teorias atuais de lingüística e de obras de hermenêutica filosófica.** À semelhança dos períodos anteriores, a hermenêutica pós-moderna faz uso da filosofia e da ciência da época. As filosofias hermenêuticas e lingüísticas da pós-modernidade, conquanto diferentes entre si, convergem num ponto comum que é a relativização do sentido de um determinado texto. Não existe um único sentido possível, mas vários. Um dos efeitos desse conceito para a hermenêutica bíblica é a morte da intenção autorial. Outro, é que a Bíblia passa a ser encarada como uma interpretação da vida e do mundo feita por seus autores, uma maneira de interpretar a realidade. O texto bíblico é reduzido ao resultado da busca feita pelos seus autores de sentido na realidade e na história.
6. **Retorno à Alexandria?** Fica a impressão forte de que a hermenêutica da pós-modernidade representa, num sentido muito concreto, um retorno à alegorese alexandrina, com sua ênfase radical em sentidos de uma passagem bíblica que estão além do sentido literal. Tanto Alexandria como a pós-modernidade aceitam que o texto não tem um único sentido, pleno e verdadeiro, mas múltiplos sentidos.
7. **Deslocamento do foco do sentido.** *Observe o gráfico abaixo.* Ele apresenta os três elementos constitutivos do processo de interpretação: o autor, o texto que ele produziu, e o leitor. No período da Reforma, a intenção do autor era o foco da hermenêutica, que julgava encontrar na sua intenção a chave para a compreensão do texto. No período moderno, o foco foi no texto, sua formação e sua história, que seriam descobertos pelos métodos críticos. Na pós-modernidade, o foco é no leitor, rejeitando-se a intenção autorial e o processo de formação do texto. O sentido encontra-se, não na intenção autorial e nem no processo de formação do texto, mas na interação do leitor com o texto.

Conclusão

As mudanças acontecidas no mundo acabam por afetar a Igreja, quer queiramos ou não. Isso não significa dizer que todas as igrejas, seminários, pastores e estudiosos evangélicos foram afetados pela pós-modernidade ao ponto de conscientemente alterar a abordagem das Escrituras e adotar os seus postulados. Muitos seminários e eruditos evangélicos, conservadores e reformados permanecem cautelosos diante do entusiasmo precoce de outros que abraçaram rapidamente o espírito da pós-modernidade.

Observemos que o pêndulo hermenêutico do relógio da história da Igreja está movendo-se outra vez, saindo do campo mais literalista para o do além-do-literal, numa versão pós-moderna da antiga alegorese alexandrina. Essa é a tendência atual. E como na antigüidade, podemos

apreciar o que há de positivo nessas tendências e usá-las a serviço do Reino, examinando-as, é claro, com critério e cautela.

Implicações Práticas

Existem sérios perigos, entretanto, para a vida das igrejas cristãs. As implicações da hermenêutica da pós-modernidade acabam por tornar a mensagem das Escrituras inacessível à Igreja. Se levarmos até o fim o seu subjetivismo e relativismo inerentes, acabamos sem Escritura, sem revelação, sem verdade e sem pregação. O pregador pode, no máximo, pregar apenas uma interpretação sua do texto, mas jamais a verdade divina. As conseqüências lógicas são graves e devemos encará-las: se não podemos alcançar o sentido das Escrituras – e conseqüentemente o verdadeiro conhecimento de Deus – não nos resta base objetiva para a doutrina e a prática da igreja, para decisões teológicas, para o ensino doutrinário, para a ordem eclesial. Instala-se o caos hermenêutico (bastante diferente da saudável diversidade reformada) onde cada um pode interpretar como queira as Escrituras.